Notas sobre Ana Mendieta: Mulheres, Terra e Pertencimento [1]

Luiza Melo[2], Rosangela Miranda Cherem[3], Andrey Parmigiani[4], Karoline Silva[5], Thamyres Souto Franco[6], Vitória Martins[7].

[1] Vinculado ao projeto "Acervos e Arquivos Artísticos em Santa Catarina. Implicações e Conexões (2019-2 a 2022-1)"
[2] Acadêmica do Curso de Licenciatura de Artes Visuais – CEART – (PIVIC)
[3] Orientadora, Departamento de Artes Visuais – CEART – rosangelamcherem@gmail.com
[4] Acadêmico do Curso de Bacharelado de Artes Visuais – CEART
[5] Acadêmica do Curso de Licenciatura de Artes Visuais – CEART
[6] Acadêmica do Curso de Licenciatura de Artes Visuais – CEART
[7] Acadêmica do Curso de Licenciatura de Artes Visuais – CEART

A partir de uma seleção de obras de Ana Mendieta (Havana, 1948- Nova York, 1985) esta pesquisa aborda as relações da artista com o tema do pertencimento ao universo feminino e os vínculos com a terra. A abordagem incide sobre trabalhos realizados durante viagens ao México, onde se destacam sobre ancestralidade, território e cosmologias dos povos originários. Tais questões foram vividas de modo muito intenso, através de experiências performáticas onde seu corpo era, ao mesmo tempo, suporte e objeto de reflexão.

O recorte é feito a partir de três obras: *Sem título, Série Silhuetas* (México, 1976), *Imagem de Yagul*, (México, 1973) e *Árvore da Vida*, (Iowa, 1977). Para analisá-las, buscamos os registros das performances desenvolvidas e registradas pela artista por meio de fotografias ou filmagens, procedimentos que usou para propagar seus trabalhos, já que estes contavam com muito pouco ou nenhum público. Assim, as imagens que vamos abordar aqui, foram registradas em meio à natureza no México e em Iowa, E.U.A.

Na primeira obra selecionada, *Sem título, Série Silhuetas*, percebemos que Ana Mendieta traz muitas questões sobre sua saída forçada de Cuba, abordando aspectos sobre pertencimento, mas sem incorrer na busca por uma conexão perdida com a sua terra, evidenciando que, depois de arrancada de seu lugar, o que fica é um vazio e uma ausência. O fenômeno da imigração vivida como desterramento faz com que, quando estabelecido em um novo lugar, o imigrado não pertença mais a lugar algum. Nem de onde veio e nem onde está. A situação torna-se mais complexa quando a artista acrescenta problemáticas sobre a mulher e o corpo nessa relação do (des-)pertencimento. Percebemos na obra estas relações na silhueta feminina formada na areia da

praia, marcada por um vermelho que remete ao sangue. As ondas que vão apagando a forma permitem relacionar questões de quem retirado de suas terras, a partir de um corpo feminino.

A segunda obra, *Imagem de Yagul,* consiste numa performance realizada em cima de uma tumba asteca e remete a questões sobre o entendimento desses povos sobre vida e morte. As alusões à morte remetem a uma ideia de resistência. Se estes povos foram exterminados ao longo do processo de colonização, a lembrança de seus corpos permanece como sementes de onde brotam e florescem suas memórias. Vemos estas questões quando a artista se coloca sobre a tumba e de seu corpo saem flores, como se brotassem a partir de um corpo morto. Ali parecem persistir questões sobre território e pertencimento, onde o corpo está numa relação contínua com a terra e a natureza. Esta relação contínua marcada pela forma como a artista deita seu corpo nu sobre a terra, assinalando uma persistência e imbricação entre os elementos.

Já na terceira obra, *Árvore da Vida*, o corpo da artista parece se fundir ao tronco da árvore, apresentando-se coberto de lama e folhas, posicionado ereto e com os braços pra cima, como uma árvore. Trazendo a ideia de continuidade entre o corpo e a árvore, reafirmam-se as questões colocadas na obra anterior sobre a relação entre o corpo e a natureza, particularmente, colocando as mulheres no centro das relações entre corpo e terra. O título da obra remete às crenças mexicanas, onde a árvore da vida é a vinculação entre o terreno e o espiritual.

Cabe salientar que as questões que nos foram suscitadas nas obras desta artista, exploradas ao longo desta pesquisa, foram trazidas através de reflexões de Silvia Federici, teórica que explora elos entre corpo e território, mulheres latino-americanas e o feminismo. Olhar para as obras de Ana Mendieta é navegar de forma profunda para as mulheres que viveram e vivem nessas terras. Perceber o corpo e o território como um ser orgânico e vivo, que pulsa memórias e resistência. Porém, nestas obras nada se apresenta forma simples ou apenas apreensível por meio racional. Ao contrário, sua poética é intensa e atual. Em seu murmúrio, vemos a vida dura e turbulenta, vestígios das lides das mulheres, povos e culturas que atravessam a história da América Latina.

Palavras-chave: Ana Mendieta; arte contemporânea; corpo e terra.